

MARIA NOS SERMÕES DE SÃO BERNARDO

Prof. Dr. Pe. João Paulo de M. Dantas^[1]

*Bernardo de Claraval é um mundo que
nunca se acaba de explorar^[2]*

Em nosso artigo, propomo-nos a apresentar brevemente a figura de São Bernardo – ainda tão pouco estudada em nosso país –, a refletir sobre o seu tradicional título de doutor mariano e, finalmente, a apresentar a riqueza de sua reflexão mariológica, a partir de alguns sermões escolhidos.

^[1] Depois do mestrado e do doutorado, obtive a Habilitação em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia de Lugano (2014) com a tese sobre o Espírito Santo, alma da Igreja, na Eclesiologia contemporânea. Ensinou Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza. Atualmente, é professor de Teologia da Faculdade Católica de Belém e da Faculdade de Teologia de Lugano. É autor de diversos livros e artigos de teologia.

^[2] J. LECLERCQ, *Introduction à quelques études sur St. Bernard*, in: *Collectanea Cisterciensia* XXXVI (1974), 139.

1 BERNARDO DE CLARAVAL

Daniel-Rops^[3] afirma que, em terras ocidentais, Bernardo de Claraaval^[4] (1090-1153) foi o homem mais célebre durante o século XII^[5].

Não há nenhum problema da sua época ao qual ele não proponha e frequentemente não imponha a sua solução. Quais são os grandes problemas do seu tempo? A Cruzada que devia ser retomada, o cisma que devia cessar, as relações entre o Império e o Papado: em cada uma dessas ocasiões, Bernardo de Claraaval intervém. Não participa

^[3] Cf. DANIEL-ROPS, *Bernardo de Claraaval. Testemunha do seu tempo perante Deus*, Quadrante: São Paulo 2013, 5.

^[4] Sobre a vida e a obra de Bernardo, cf. J. CHABANNES, Bernardo di Chiaravale. Místico e Político, Città Nuova: Roma 1988; P. RICHÉ, *Vida de São Bernardo*, Loyola: São Paulo 1991; J. LECLERCQ, *Bernardo di Chiaravale*, Milano 1992; AA. VV., *San Bernardo e l'Italia. Attidel Convegno distudio. Milano 24-26 maggio 1990* (a cura di P. ZERBI), Vita e Pensiero: Milano 1993; DANIEL-ROPS, *Bernardo de Claraaval. Testemunha do seu tempo perante Deus*, Quadrante: São Paulo 2013; I. BIFFI, *Il segreto di Clairvaux: Bernardo (Opera Omnia)*, Jaca Book: Milano 2015; A. J. LUDDY, *São Bernardo de Claraaval*, Cultor de Livros: São Paulo 2016; E. GILSON, *A teologia mística de São Bernardo*, Paulus: São Paulo, 2017; J. LECLERCQ, *Storia della Spiritualità. Vol. IV. Il Medioevo. VI-XII secolo*, EDB: Bologna, 2013, 278-289; P. GILBERT, *Bernardo de Chiaravale e la sua eredità*, in: E. DAL COVOLO (org.), *Storia della Teologia. Vol. I. Dalle origini a Bernardo di Chiaravale*, EDB: Bologna 2015, 495-513; G. D'ONOFRIO, *Storia del pensiero medievale*, Città Nuova: Roma 2011, 307-310; E. BACCETTI, *Bernardo de Claraaval (santo)*, in: *Dicionário de Espiritualidade. Vol. I*, Paulinas-Loyola: São Paulo 2012, 349-356. Cf. também as catequeses (21/10/2009 e 04/11/2009) de Bento XVI sobre Bernardo: BENEDETTO XVI, *I Maestri. Padri e Scrittori del Medioevo*, LEV: Città del vaticano 2010, 37-42. 49-54.

^[5] Sobre a riqueza teológica do XII século, cf. M.-D. CHENU, *La Teologia nel XII secolo*, Jaca Book: Milano 1999; I. BIFFI, *Mirabile Medioevo (Opera Omnia)*, Jaca Book: Milano, 2009.

menos ativamente nas lutas do espírito: toma uma posição decisiva no primeiro combate entre o racionalismo e a fé, configura a forma de orar, imprime o seu cunho à própria arte religiosa. [...]. Bernardo realiza com uma perfeição de que há poucos exemplos a concordância entre o homem de contemplação e o homem de ação.^[6]

Sobre a influência de Bernardo no seu tempo, escreve o papa Bento XVI:

Dirigiu [...] escritos polêmicos contra Abelardo, um grande pensador que iniciou um novo modo de fazer teologia, introduzindo sobretudo o método dialético-filosófico na construção do pensamento teológico. Outra frente contra a qual Bernardo lutou foi a heresia dos Cátaros, que menosprezavam a matéria e o corpo humano, desprezando, por conseguinte, o Criador. Ele, ao contrário, sentiu-se no dever de assumir a defesa dos judeus, condenando as manifestações de anti-semitismo cada vez mais difundidas. Devido a este aspecto da sua ação apostólica, algumas dezenas de anos mais tarde, Ephraim, rabino de Bonn, dirigiu a Bernardo uma vivaz homenagem [...]. Nos últimos anos da sua vida, [...] Bernardo aproveitou para rever definitivamente o conjunto das *Cartas*, dos *Sermões* e dos *Tratados*. Merece ser mencionado um livro bastante particular, que ele terminou precisamente neste período, em 1145, quando um seu aluno, Bernardo Pignatelli, foi eleito Papa com o nome de Eugénio III. Nesta circunstância, Bernardo, como Padre espiritual, escreveu a este seu filho espiritu-

^[6] DANIEL-ROPS, *Bernardo de Claraval. Testemunha do seu tempo perante Deus*, 5-6.

al o texto *De Consideratione*, que contém ensinamentos para poder ser um bom Papa.^[7]

O Doutor Melifluo^[8], como ficou conhecido Bernardo, é apresentado como o “último dos Padres, mas certamente não inferior aos primeiros”^[9], por causa de sua doutrina teológica embebida na Sagrada Escritura e nos Padres da Igreja. Unindo o estudo à contemplação, a reflexão teológica à experiência mística, buscou com uma linguagem simbólica, vivaz e amorosa, aproximar-se da Suma Verdade, para buscar luz para as inteligências e caridade para os ânimos. Sem abusar dos artificios e hábeis silogismos da dialética, Bernardo, como uma águia, com admiração voava em busca da Verdade. Para ele, como recorda o papa Pio XII, a doutrina não é a meta última, mas o caminho que conduz a Deus^[10].

Inos Biffi^[11] destaca que foram quatro as fontes do pensamento de Bernardo: a Bíblia, a liturgia, os Padres e a experiência mística, esta última torna existencial, ao invés de escolástica, a teologia do abade cisterciense.

Tais fontes caracterizam o que J. Leclercq chama de *teologia monástica*^[12]. Tal teologia também é marcada por um

^[7] BENEDETTO XVI, *San Bernardo di Chiaravalle* (21/10/2009), in: *Id.*, *I Maestri. Padri e Scrittori del Medioevo*, LEV: Città del vaticano 2010, 38-39.

^[8] Sobre o título alegórico “Doutor Melifluo” cf. H. DE LUBAC, *Exégèse Médiévale. Le quatresens de l'Écriture I-II*, Paris 1959, 599-620.

^[9] J. MABILLON, *Bernardi Opera, Praef. generalis*, n. 23, in: PL 182,26, apud Cf. E. VACANDARD, *Vie de saint Bernard, abbé de Clairvaux. Tome II*, J. Gabalda: Paris 1927, 557.

^[10] Cf. PIO XII, *Encíclica Doctor Mellifluus. Sobre o VIII centenário da morte de São Bernardo de Claraval*, in: https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_24051953_dor-tor-mellifluus.html#fnref7

^[11] Cf. BIFFI, *Il segreto di Clairvaux: Bernardo*, 16-18.

^[12] Cf. J. LECLERCQ, *O amor às letras e o desejo de Deus*, Paulus: São Paulo, 2012, 229-278.

tom fervoroso, uma linguagem mística, um caráter ascético e é toda orientada a uma sincera conversão e a uma autêntica experiência com Deus^[13].

A teologia monástica é uma teologia admirativa, por isso é mais do que uma teologia especulativa. Admiração, especulação: essas duas palavras designam um olhar. Mas o olhar de admiração acrescenta algo àquele da especulação. Não vê necessariamente mais longe; mas o pouco que entrevê basta para dispor em alegria e ação de graças o ser inteiro do contemplativo.^[14]

Desse homem prodigioso, possuímos um grande número de textos: cerca de 500 cartas, mais de 250 sermões^[15] e diversos tratados^[16]. Os seus manuscritos chegam a 1.500, o que dificultou muito a edição crítica de suas obras^[17].

[13] Cf. LECLERCQ, *O amor às letras e o desejo de Deus*, 238- 278.

[14] LECLERCQ, *O amor às letras e o desejo de Deus*, 276.

[15] Sem contar os 86 sermões dedicados ao Cântico dos Cânticos, considerados como uma obra única e extraordinária do ponto de vista teológico e espiritual.

[16] De gradibus humilitatis et superbiae (PL 812,941-972); De diligendo Deo (PL 182,973-1000); Apologia ad Guillelmum Sancti Theodorici abbatem (PL 182,893-918); De moribus et officio episcoporum (PL 182,809-854); De gratia et libero arbitrio (PL 182,1001-1030); De laude novae militiae ad Milites Templi (PL 182,921-940); Tractatus de Baptismo aliisque quaestionibus ab ipso propositis (PL 182, 1031-1046); De conversione ad clericos (PL 182,833-856); Tractatus ad Innocentium II pontificem contra quaedam capitula errorum Petri Abelardi (PL 182,1053-1072); De praecepto et dispensatione (PL 182,859-894); De vita et rebus gestis Sancti Malachiae Hiberniae episcopi (PL 182,1073-1118); De Consideratione libri quinque ad Eugenium III (PL 182,893-918).

[17] Cf. J. LECLERCQ- C. TALBOT- H.M. ROCHAIS, *Sancti Bernardi Opera*, Roma 1957-1977.

Cerca de vinte anos (1174) após sua morte (1153), Bernardo foi canonizado pelo papa Alexandre III. Na ocasião o Papa ensinou:

Evocamos a santa e venerável vida do mesmo bem-aventurado: pois que ele, amparado por singular prerrogativa da graça, não só resplandeceu em santidade e religião, mas também irradiou, em toda a Igreja de Deus, a luz da sua fé e doutrina. Na verdade, não há ninguém, por assim dizer, em toda a cristandade que ignore o fruto que ele produziu na casa de Deus com sua palavra e exemplo, visto que difundiu as instituições da nossa santa religião até às terras estrangeiras e bárbaras [...] e fez voltar uma infinita multidão de pecadores [...] à reta prática da vida espiritual.^[18]

Vinte e sete anos mais tarde (1301), o papa Inocêncio III o chamou de Doutor Ilustre (*Doctor Egregius*), tal título foi formalmente confirmado em 1830, quando o papa Pio VIII proclamou (23/07/1830) Doutor o grande monge branco de Claraval^[19].

O papa Pio XII, em 1953, escreveu uma encíclica por ocasião do VIII centenário da morte de São Bernardo, intitulada *Doctor Mellifluus*, em que apresentou a importância eclesial e teológica de Bernardo^[20].

[18] ALEXANDRE III, Carta Apostólica *Contigit olim* (17/01/1174), apud PIO XII, *Encíclica Doctor Mellifluus. Sobre o VIII centenário da morte de São Bernardo de Claraval*, in: https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_24051953_doctor-mellifluus.html#fnref7

[19] Cf. LUDDY, *São Bernardo de Claraval*, 746.

[20] Cf. PIO XII, *Encíclica Doctor Mellifluus in occasione del VIII centenário della morte di s. Bernardo*, in: *Enchiridion delle Encicliche* 6, EDB: Bologna 1995, 910-943 (794-823).

Em 2009, o papa Bento XVI, por ocasião das suas audiências gerais, proferiu duas catequeses que repropuseram para toda a Igreja a importância da vida e da obra de São Bernardo de Claraval (21/10/2009 e 04/11/2009).

2 BERNARDO, DOUTOR MARIANO

A Ordem Cisterciense, desde as suas origens, cultivou uma devoção fervorosa à Maria, a Senhora. A ela se dedicavam todos os mosteiros fundados por toda a Europa^[21].

Para os monges, o que inclui Bernardo, Maria é a Mãe do Senhor Jesus, e, portanto, é a Senhora, por esta razão, a relação do monge com Maria é marcada por sentimentos semelhantes àqueles que o trovador ou o cavaleiro nutrem com respeito à Senhora.

O trovador canta os louvores da Senhora, movido pela sua admiração amorosa, e a Senhora manifesta o seu afeto e a sua magnanimidade pelo trovador, encorajando-o a cantar as suas glórias.

Bernardo se declara indigno servidor da Senhora^[22], mas não obstante a sua pequenez, o abade cisterciense entoa com poesia e amor os louvores da Grande Senhora, Nossa Senhora^[23]. Suplica à Rainha Maria que se mostre magnânima *mediadora da salvação*^[24].

[21] Cf. J. M. DE LA TORRE, *El carisma cisterciense y bernardiano*, in: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol I (Tratados)*, BAC: Madrid 2016, 66.

[22] SAN BERNARDO, *Los grados de humildade y soberbia* XXIII,53, in: *Id.*, *Obras Completas. Vol. I (Tratados)*: BAC: Madrid 2016, 205-207.

[23] Referimo-nos aos quatro sermões de *Louvores à Virgem Mãe*, cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, Vozes: Petrópolis, 1999, 25-78 (Para o texto latino: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. II (Tratados)*, BAC: Madrid 1994, 600-679.

[24] SAN BERNARDO, Carta 174,2, in: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. VII (Cartas)*, BAC: Madrid 2003, 583.

Segundo J. M. de la Torre, um aspecto interessante e atual da espiritualidade e da teologia mariana dos cistercienses é a conexão entre Maria e o mistério da Igreja. Maria é o protótipo da *esposa*. Nela já se apresenta consumado o destino da Igreja-esposa. Por esta razão, dentre todos os mistérios marianos, destaca-se o privilégio da Assunção, consequência da sua maternidade. A solenidade da Assunção é o símbolo escatológico da dimensão feminina do claustro e da Igreja que tendem à plenitude da união com Cristo. A Assunção era, portanto, a festa patronal dos mosteiros cistercienses^[25]. Por esta razão, não é de se estranhar que o santo tenha dedicado à Assunção da Virgem Maria sete sermões (sendo um para o domingo da oitava da Assunção)^[26].

Segundo M. Ballano^[27], Bernardo dedica à Maria os seus sermões mais ternos e rebuscados. Maria é apresentada como um aqueduto que une a fonte salvífica (Cristo) aos campos da Igreja; é a mulher que se encontra entre o sol da justiça (Cristo) e a lua (Igreja), que recebe os seus raios^[28]. É a misericórdia suplicante e onipotente entre o Cristo juiz e a humanidade pecadora, a mediadora que se encontra diante do Mediador^[29].

[25] Cf. J. M. DE LA TORRE, *El carisma cisterciense y bernardiano*, 67. Cf. também E. WELLENS, *L'Ordre de Cîteaux et l'Assomption*, in: Coll. O.C.R. 13 (1951), 46-48.

[26] Cf. SAN BERNARDO, *Obras Completa. Vol. IV (Sermones Litúrgicos)*, BAC: Madrid 2006, 336-417.

[27] Cf. M. BALLANO, *En la Iglesia de los ángeles y santos*, in: SAN BERNARDO, *Obras Completa. Vol. IV (Sermones Litúrgicos)*, BAC: Madrid 2006, 231.

[28] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão para o Domingo durante a Oitava da Assunção*, 5, in: *Id.*, *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, 192-193.

[29] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão para o Domingo durante a Oitava da Assunção*, 2, in: *Id.*, *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, 190.

Maria se encontra mais acima da Igreja do que dentro da mesma, e isto por duas razões: por causa das prerrogativas de seu Filho Jesus e pelo singular privilégio de sua santidade^[30].

Ballano^[31] também recorda que, para Bernardo, a Senhora é a humanidade no seu estado mais puro, não apenas pelo fato de ser livre de toda contaminação do pecado, mas também pelo fato de possuir uma natureza singular^[32].

O privilégio singular de Maria é a fecundidade virginal ou virgindade fecunda. Algo único e inexplicável. É impossível compreendê-lo e, menos ainda, explicá-lo [...]. Esta Virgem deslumbrou com a sua lâmpada até aos anjos. Ofuscou a todos, pois foi preenchida por Cristo, seu Filho, com o óleo da graça.^[33]

A presença de Maria no céu aumenta o gozo dos cidadãos celestes e infunde confiança nos seus servos que ainda peregrinam sobre a terra. Maria é uma espécie de ponte que une a Igreja celeste à terrestre, pois é a Rainha do Céu cheia de amor e misericórdia^[34].

O papa Bento XVI, em uma catequese sobre Bernardo, ensina que o mesmo sublinhou a participação de Maria no sa-

[30] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão para o Domingo durante a Oitava da Assunção*, 11-15, in: *Id.*, *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, 198-203.

[31] Cf. BALLANO, *En la Iglesia de los ángeles y santos*, 231.

[32] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão para a Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria*, 7, in: *Id.*, *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, 85.

[33] BALLANO, *En la Iglesia de los ángeles y santos*, 231.

[34] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão para a Assunção da Bem-Aventurada Maria*, I, 1-4, in: *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, 147-150.

crifício redentor de seu Filho. Maria tornou-se, assim, uma via segura e privilegiada para conduzir a humanidade até Jesus.

Noutro célebre *Sermão no domingo da oitava da Assunção*, o santo Abade descreve em termos apaixonados a íntima participação de Maria no sacrifício redentor do Filho. “Ó santa Mãe – exclama ele – deveras uma espada trespassou a tua alma! A violência da dor trespassou de tal modo a tua alma, que justamente podemos chamar-te mais do que mártir, porque em ti a participação na paixão do Filho superou muito em intensidade os sofrimentos físicos do martírio” (14: PL 183, 437-438). Bernardo não tem dúvidas: “*per Mariam ad Iesum*”, através de Maria somos conduzidos até Jesus. Ele testemunha com clareza a subordinação de Maria a Jesus, segundo os fundamentos da mariologia tradicional. Mas o corpo do *Sermone* documenta também o lugar privilegiado da Virgem na economia da salvação, após a particularíssima participação da Mãe (*compassio*) no sacrifício do Filho.^[35]

E. Baccetti recorda que o plano da subida mística que Bernardo propõe para si e para os seus discípulos tem como pilar central a meditação e a imitação dos mistérios de Cristo, por esta razão, o auxílio da Virgem Maria, de tal modo ligada a esses mistérios, não pode ser dispensado na subida de amor que reconduz o homem a Deus^[36]: Maria é exemplo perfeito para o homem que percorre o caminho de Cristo, mas também medianeira.

No seu fervor devoto, Bernardo chega a criar expressões para tentar dizer o mistério da Virgem Maria: “O Espírito

[35] BENEDETTO XVI, *San Bernardo di Chiaravalle* (21/10/2009), 40-41.

[36] Cf. BACCETTI, *Bernardo de Claraval (santo)*, 354.

Santo a encontra superplena [de graça] e a faz supertransbordar [as graças] sobre nós”^[37].

Segundo G. d’Onofrio^[38], Bernardo nos oferece um exemplo de penetração teológica na profundidade do dogma, sem tanta sutileza sistemática, mas com uma profunda interiorização unida a uma moderada e fiel *ratio* hermenêutica, quando aborda o coração da mariologia em seus sermões. A genialidade de Bernardo foi celebrada por Dante Alighieri (“E a Rainha do Céu, por quem eu ardo, Cheio de amor, nos há de ser benigna, pois sou seu servo, o seu fiel Bernardo”^[39]), que ao descrever o Paraíso, o apresenta como o santo que elevou as mais belas orações à Virgem Maria: “Virgem mãe, filha do teu filho, mais humilde e grandiosa que qualquer criatura, projeto determinado por eterno desígnio, tu és aquela que a humana natureza nobilitaste, a ponto de o seu criador não desdenhar de ser sua criatura”^[40].

Bernardo soube retomar e repropor aquilo que a tradição bíblico-patristica havia ensinado sobre a Virgem Maria, e, para tal escopo, se serviu de um modo incomparável dos instrumentos que a teologia monástica de então lhe oferecia, a *Lectio Divina*, para expressar a sua autêntica e profunda devoção à Senhora^[41]. Não buscou, assim, abrir novos caminhos para o desenvolvimento da mariologia, e demonstrou-se desconfiado de certas novidades, que pudessem ferir o direito de Roma de legislar sobre a Verdade a ser crida e celebrada pelos fiéis.

[37] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão para a Assunção da Bem-Aventurada Maria*, II,2, in: *Sermões para as festas de Nossa Senhora*, 152.

[38] Cf. D’ONOFRIO, *Storia del pensiero medievale*, 309.

[39] DANTE ALIGHIERI, *La Divina Comedia*, Paradiso, Canto 31, 100-102

[40] DANTE ALIGHIERI, *La Divina Comedia*, Paradiso, Canto 33, 1-6.

[41] A. E. Pintarelli, *Introdução*, in: BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, Vozes: Petrópolis, 1999, 21.

Um exemplo claro de tal atitude se encontra em um trecho de sua Carta 174, no qual o cisterciense se mostra contrário à introdução da festa da Imaculada Conceição, introduzida pelo cabido de Lyon, após a morte do arcebispo Pedro, em 1140. Tal fato, ocorrido sete séculos antes da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, provocou inúmeras reações, positivas e negativas, por parte de prelados e teólogos^[42].

A posição de Bernardo em matéria deve ser bem entendida: ele afirma que certamente Maria era santa já antes do nascimento, mas tal festa seria contrária à Tradição e deveria ter sido aprovada pela Sé Apostólica^[43].

Não pode, pois, subsistir a menor dúvida de que a Mãe do Senhor foi santificada antes do nascimento. Tampouco é iludida a Igreja ao considerar santo o dia de sua natalidade e honrá-lo, ano após ano, com uma festividade solene de regozijo universal. Por minha parte, penso que lhe foi conferida, numa medida mais ampla [do que em João ou Jeremias], a graça da santificação; uma tal plenitude de graça que não só santificou a sua origem mas a preservou de todo pecado ao longo da vida – privilégio este jamais conferido a qualquer outro mortal.^[44]

Quem ler com atenção esta célebre carta, recorda A. J. Luddy^[45], compreenderá que Bernardo não se refere à concepção de Maria no sentido passivo, como hoje se entende na teologia, mas no sentido ativo, isto é, significa o ato físico

[42] Cf. LUDDY, *São Bernardo de Claraval*, 426-427.

[43] Cf. M. HAUKE, *Introduzione alla Mariologia*, Eupress: Lugano 2008, 195.

[44] BERNARDO DE CLARVAL, *Carta 174,5*, in: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. VII (Cartas)*, 587.

[45] Cf. LUDDY, *São Bernardo de Claraval*, 426-427.

da geração. À luz da tradição, Bernardo recorda que Maria foi concebida a partir de um ato sexual de seus pais, e, portanto, um ato marcado pela concupiscência. Como poderia, então, a santidade associar-se ao pecado?^[46] Por outro lado, recorda M. Hauke, o conhecimento filosófico-biológico da época também induzia os pensadores ao erro, pois a concepção era entendida como a origem do corpo, e antecedia cerca de três meses (no caso de mulheres) a infusão da alma. Por esta razão, Bernardo afirmou que não haveria sentido falar-se de santificação, antes da existência (corpo e alma) de Maria: “a Virgem não podia possuir a santidade antes de possuir a existência”^[47].

Na primeira metade do século XX, o erudito teólogo A. Wilmart circunscreveu os méritos de Bernardo e negou-lhe o título *grande e verdadeiro doutor mariano*, pelo fato de ter escrito relativamente pouco sobre a Virgem Maria^[48]. Cerca de vinte anos mais tarde, J. Leclercq, dando parte de razão a Wilmart, afirmou que Bernardo só poderia ser considerado um doutor mariano, somente na medida em que foi doutor dos mistérios cristãos na Igreja^[49].

[46] Cf. BERNARDO DE CLARVAL, *Carta 174,7*, in: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. VII (Cartas)*, 589.

[47] Cf. BERNARDO DE CLARVAL, *Carta 174,7*, in: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. VII (Cartas)*, 589.

[48] Cf. A. MONTANARI, *San Bernardo di Clairvaux e la sua Scuola*, in: E. DAL COVOLO- A. SERRA (org.), *Storia della mariologia. Vol. I. Dal modello bíblico al modello letterario*, Città Nuova: Roma 2009, 639.

[49] Cf. J. LECLERCQ, *Dévotion et théologie mariale dans le monachisme bénédictin*, in: H. DU MANOIR (ed.), *Maria. Études sur la Sainte Vierge. Vol. II*, Beauchesne: Paris, 1952, 569.

Por outro lado, na mesma época, G. Roschini^[50] reafirma a posição teológica tradicional que reconhece em Bernardo o Doutor Mariano por excelência, tendo em vista a qualidade de sua produção mariológica. Contemporaneamente, H. Barré^[51] também reconheceu o referido título de Bernardo ao colocar em relevo, em uma perspectiva histórico-erudita, a originalidade da mariologia bernardiana.

J. Leclercq^[52] escreve cerca de 20 anos depois de seu primeiro escrito em matéria, afirmando que, no passado, ousou-se dizer que são Bernardo fosse apenas um apaixonado pela Santa Virgem, um mariófilo, mais do que um teólogo do mistério de Maria (um mariólogo). Na verdade, continua o autor, ele possui uma doutrina sobre a Mãe de Deus, não obstante a sua obra sobre este argumento, ser relativamente limitada do ponto de vista quantitativo. É importante recordar, ressalta o autor, que Bernardo não precisou posicionar-se sobre nenhuma controvérsia autenticamente dogmática no âmbito mariológico, nem buscou realizar uma nova síntese do ensinamento tradicional da Igreja em matéria. Todavia, as poucas páginas que deixou sobre a santa Virgem se encontram cheias de fervor transbordante e de um estilo tão admirável, e isso bastou para que fosse considerado um doutor mariano. Posição semelhante têm os autores F. Gastaldelli e C. Leonardi^[53].

[50] Cf. G. ROSCHINI, *Il Dottore Mariano: studio dela dottrina mariana disan Bernardo di Chiaravale nell'8º centenario del suo glorioso transito*, SEIR ed. Cattoliche: Roma 1953.

[51] Cf. H. BARRÉ, *Saint Bernard, docteurmarial*, in: *Analecta Sacri Ordinis Cisterciensis* 9 (1953), 107-113.

[52] LECLERCQ, *Bernardo di Chiaravale*, 135.

[53] Cf. F. GASTALDELLI, *L'edizione italiana dele "Opere di San Bernardo"*, in: AA. VV., *San Bernardo e l'Italia. Attidel Convegnodistudio*. Milano 24-26 maggio 1990 (a cura di P. ZERBI), Vita e Pensiero: Milano 1993, 355-356.

No dia 20 de agosto de 2008, o papa Bento XVI pronunciou as seguintes palavras referindo-se a São Bernardo:

Foi definido, também, “doutor mariano”, não porque tenha escrito muitíssimo sobre Nossa Senhora, mas porque soube colocar em destaque o seu papel essencial na Igreja, apresentando-a como o modelo perfeito para a vida monástica e para todas as outras formas de vida cristã.^[54]

Um ano mais tarde, o mesmo Papa apresentou o abade cisterciense como modelo para a teologia de todos os tempos:

Estas reflexões, características de um apaixonado por Jesus e Maria como São Bernardo, provocam ainda hoje de modo saudável não só os teólogos, mas todos os crentes. Por vezes pretende-se resolver as questões fundamentais sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo unicamente com as forças da razão. São Bernardo, ao contrário, solidamente fundado na Bíblia e nos Padres da Igreja, recorda-nos que sem uma fé profunda em Deus, alimentada pela oração e pela contemplação, por uma relação íntima com o Senhor, as nossas reflexões sobre os mistérios divinos correm o risco de se tornarem uma vã prática intelectual, e perdem a sua credibilidade. A teologia remete para a “ciência dos santos”, para a sua intuição dos mistérios do Deus vivo, para a sua sabedoria, dom do Espírito Santo, que se tornam ponto de referência do pensamento teológico. Juntamente com Bernardo de Claraval, também nós devemos reconhecer que o homem procura melhor e

^[54] BENTO XVI, Audiência Geral (20/08/2008), in: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080820.html

encontra mais facilmente Deus “com a oração do que com o debate”. No final, a figura mais verdadeira do teólogo e de cada evangelizador permanece a do Apóstolo João, que apoiou a sua cabeça no coração do Mestre.^[55]

3 OS SERMÕES MARIANOS DE SÃO BERNARDO

Os sermões de Bernardo de Claraval tinham um duplo objetivo: formar os monges que lhe foram confiados e ajudá-los na vivência do seu cotidiano. Utilizava as palavras como instrumento para exaltar o dom da Fé e exortar à unidade, pois desejava transmitir a todos, e especialmente aos noviços, o que recebeu de Cristo e de seus superiores ao longo de sua vida cisterciense^[56].

Quase todos os dias, o abade pronunciava um sermão, mas, normalmente, não os escrevia. Seus sermões foram conservados, graças aos seus monges que anotavam todas as suas palavras.

Não buscava tanto ensinar, mas persuadir, com doçura e paixão, os seus monges a viverem a perfeição de sua vocação sobrenatural. Humilde, deixava-se guiar pelo Espírito, e apresentava aos seus os tesouros presentes na Bíblia e nos Padres da Igreja.

Para Bernardo, os seus sermões eram um ato familiar, que muitas vezes colhia do dia a dia (cozinha, fabricação de velas, etc.), como elementos para orientar à luz de Cristo a vida de seus monges. Alguns de seus sermões foram pronunciados pela manhã, por ocasião do Ofício divino, outros, durante a Oração vespertina^[57].

[55] BENEDETTO XVI, *San Bernardo di Chiaravale* (21/10/2009), 41-42.

[56] Cf. CHABANNES, *Bernardo di Chiaravale: mistico e político*, 46.

[57] Cf. CHABANNES, *Bernardo di Chiaravale: mistico e político*, 48.

Através de seus sermões, iluminados pela liturgia, buscava seguir cada passo do itinerário de Cristo, recordando que a Encarnação do Verbo torna possível aos cristãos a imitação de Cristo, ao mesmo tempo que revela a grandeza da dignidade humana^[58].

Para Bernardo, como recorda I. Biffi^[59], Cristo é a verdadeira “forma do homem” e a “regra de vida” para os seus discípulos.

Seus sermões, que se constituem segundo alguns^[60] a obra maior de Bernardo, são um verdadeiro monumento da literatura do século XII. Para Bernardo, eles foram entendidos como parte do ofício abacial que o Senhor lhe confiou.

Neste artigo, apresentaremos a reflexão mariológica de Bernardo, assim como se encontra em alguns de seus mais importantes sermões: os quatro sermões de Louvores à Virgem Mãe, o da Natividade ou o do Aqueduto, e os sete sermões da Assunção.

3.1 Os sermões de Louvores à Virgem Mãe

Bernardo escreveu quatro sermões sobre o Evangelho da Anunciação, que reuniu em um opúsculo intitulado *Louvores à Virgem Mãe*^[61]. Os referidos sermões, redigidos por volta de 1117 (Bernardo tinha entre 34 e 35 anos), estão en-

[58] Cf. BIFFI, *Il segreto di Clairvaux: Bernardo*, 26. Cf. também CHABANNES, Bernardo di Chiaravale: mistico e politico, 47.

[59] Cf. BIFFI, *Il segreto di Clairvaux: Bernardo*, 31-32.

[60] Cf. CHABANNES, Bernardo di Chiaravale: mistico e politico, 49; BIFFI, *Il segreto di Clairvaux: Bernardo*, 26-27.

[61] Estes sermões também são conhecidos como *SuperMissus*, por causa das palavras *Missus est angelus Gabriel*, cf. Pintarelli, *Introdução*, 21. Para o texto latino, cf. SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. II* (Tratados), BAC: Madrid 1994, 600-679.

tre os mais belos que Bernardo dedicou à Santa Virgem. Os mesmos não estão ligados a uma determinada festa litúrgica e, tudo indica, nunca foram pronunciados, mas são frutos da pura devoção do abade cisterciense.

Os estudiosos recordam que, apesar de se tratar de uma obra juvenil, o opúsculo é refinado, tanto do ponto de vista linguístico, como do ponto de vista teológico. Do ponto de vista linguístico, pode-se dizer que une um dos mais belos “latins” da Idade Média, com um rico vocabulário paleocristão, próprio dos Padres da Igreja e dos ambientes monásticos. Com um linguajar fortemente simbólico, cheio de metáforas, e profundamente enraizado na Sagrada Escritura, Bernardo conduz os seus leitores a um caminho de elevação espiritual com uma exuberância que poderia ser designada barroca^[62].

Louvores à Virgem Mãe se tornou uma de suas obras mais conhecidas e difundidas. Dentre os inúmeros manuscritos, destacam-se os 78 que provêm do final do século XII ou do início do XIII^[63].

Vejamos como o próprio Bernardo de Claraval explica as circunstâncias que o levaram a escrever os *Louvores à Virgem Mãe*:

A devoção me forçava a escrever alguma coisa, mas as ocupações me impediam. Agora, porém, que uma doença física não me consente participar da vida dos irmãos, não quero deixar passar no ócio o tanto de tempo que tenho à disposição [...]. Com prazer, pois, tentarei iniciar aqui-

[62] Cf. I. ARANGUREN, *Introduccion*, in: San Bernardo, *Obras Completas. Vol. II (Tratados)*, BAC: Madrid 1994, 597.

[63] A crítica textual permitiu aos estudiosos identificarem três estágios do texto: 1 – primitivo: texto mais curto; 2 – intermediário: texto ampliado; 3 – definitivo: o texto intermediário foi reelaborado e melhorado, cf. LEONARDI, *Introduzione*, 5.

lo que muitas vezes desejei fazer: dizer algo em louvor à Virgem Mãe, baseado no texto [...] da Anunciação do Senhor.^[64]

Ao final do opúsculo, Bernardo recorda o seu propósito de se manter sempre fiel à Sagrada Escritura e ao ensinamento dos Padres^[65]:

Expus o trecho evangélico da forma que pude. Sei que não agradará a todos; tenho certeza que muitos hão de indignar-se contra mim, acusando-me de ser supérfluo e presunçoso, por ousar expor o que os Padres, já antes de mim, expuseram de forma completa. Mas, se depois dos Padres se disser algo que não é contra os Padres, creio que isso não desagrade nem a eles nem aos outros [...]. Mas se pequei, despertando mais a minha própria devoção do que buscando a utilidade comum, a Virgem piedosa, a quem dediquei este meu pequeno trabalho, terá a força suficiente para me obter o perdão do seu misericordioso Filho.^[66]

Uma menção direta a este opúsculo se encontra na Carta 89 de Bernardo, endereçada a um canônico regular chamado Ogerium. Na referida carta, lê-se que o cisterciense enviará a Ogerium a única cópia do opúsculo, por essa razão, o Santo lhe pede que a reenvie o quanto antes.

[64] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, Vozes: Petrópolis, 1999, 27.

[65] Sobre a importância dos Padres da Igreja na obra *Louvores à Virgem Mãe*, cf. LEONARDI, *Introduzione*, 27-33.

[66] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 78.

Pode-se afirmar ainda que o opúsculo, não obstante seja fruto da pia devoção de Bernardo, possui um profundo substrato bíblico, teológico e ascético-monástico^[67].

A obra *Louvres à Virgem Mãe* pode ser considerada como uma espécie de tratado sobre a Maternidade da Virgem Maria, por esta razão os organizadores da edição espanhola das *Obras Completas* de São Bernardo, colocaram-na no volume 2, junto com os demais tratados do autor cisterciense. Um critério análogo foi adotado pelos organizadores da edição italiana das Obras de Bernardo de Claraval^[68]. Trata-se de uma obra unitária^[69], na qual se comenta, com uma candura ingênua, o texto de Lc 1,26-38, versículo por versículo e, às vezes, palavra por palavra^[70].

Evidentemente, ao abordar elementos fundamentais da mariologia, o autor esbarra e penetrará com maestria em temas cristológicos.

Sua teologia nasce da atmosfera orante do claustro cisterciense, brota de uma experiência e é marcada pela admiração. O teólogo escreve cheio de admiração sobre o mistério revelado. Por esta razão, poder-se-ia dizer que vemos florescer, ao ler o opúsculo, a figura de um jovem poeta e teólogo, trovador de Maria^[71].

[67] Cf. ARANGUREN, *Introduccion*, 599.

[68] Neste caso, a Obra foi colocada no volume II, cujo título é *Sentenças e outros textos*, cf. *Opere di San Bernardo. Vol. II. Sentenze e altritesti*, Fondazione di Studi Cisterciensi: Roma 1990.

[69] Cf. LEONARDI, *Introduzione*, 7.

[70] Cf. ARANGUREN, *Introduccion*, 598.

[71] Cf. ARANGUREN, *Introduccion*, 598.

Doente, Bernardo reencontra a si mesmo nos louvores da Virgem-Mãe. Ela é a sua luz, a sua guia, a estrela que o conduz na direção do porto da salvação, Cristo. Ela é o seu modelo de vida espiritual^[72].

No primeiro dos sermões, o abade de Claraval coloca em destaque a importância dos nomes próprios presentes em Lc 1,26-27: Gabriel, Nazaré, Galileia, José, Davi e Maria. “Na verdade, todas essas palavras estão cheias de profundos mistérios e cada uma delas derrama celeste doçura, se houver alguém que as medite com diligência e saiba sugar o mel da pedra^[73] e o óleo da rocha duríssima”^[74].

Gabriel é o Mensageiro enviado por Deus à Virgem e, posteriormente, ao seu esposo. O significado do nome Gabriel, “Força de Deus”^[75], e o fato de ter sido enviado pelo próprio Deus, indicam a particular dignidade do referido anjo. Sua dignidade era tanta que “Deus o julgou digno de tal nome e tal mensagem”^[76]. Gabriel teria sido a única criatura que conheceu os detalhes do plano salvífico de Deus (Encarnação) antes da Virgem Maria.

^[72] Cf. C. LEONARDI, *Introduzione*, in: *Opere di San Bernardo. Vol. II - Sentenze e altritesti*, Fondazione Studi Cisterciensi: Milano 1990, 3.

^[73] Na ótica medieval, e especialmente na monástica, todo texto da Sagrada Escritura possui além do seu sentido literal, um sentido espiritual. O sentido espiritual pode ser subdividido em alegórico, moral e anagógico. “*Littera gesta docet, quid credas allegoria, moralis quid agas, quo tendas anagogia*. – A letra ensina-te os fatos [passados], a alegoria o que debes crer, a moral o que debes fazer, a anagogia para onde debes tender”, Catecismo da Igreja Católica n. 118.

^[74] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 28.

^[75] Bernardo acolhe a interpretação de São Jerônimo, na sua obra *Livro da interpretação dos nomes hebraicos*, cf. S. HIERONYMUS, *Libe rinterpretationis hebraico rumnominum* (ed. P. de Lagarde), Cottingae 1887, p. 64,24.

^[76] Bernardo de Claraval, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 29.

O nome concorda com o valor da mensagem. O arcanjo se chama *Força* ou *Poder de Deus* porque mereceu o privilégio de anunciar a vinda do Poder de Deus, que é Cristo, e porque devia encorajar a Virgem Maria (cf. Lc 1,30) a responder o seu *Sim* ao Senhor.

Nazaré significa “flor”^[77]. A semente do conhecimento de Deus (palavras e promessas de Deus) que caiu na terra do Antigo Testamento, germinou e cresceu produzindo uma flor que anuncia o fruto. O fruto é Cristo, enquanto a flor é Nazaré; nela se encontra “a esperança do fruto que virá”^[78]. A flor murcha quando aparece o fruto, do mesmo modo que a figura desaparece, quando a verdade se manifesta na carne (cf. 1 Cor 10,11). O nome Galileia, “passagem”, também é interpretado, com a ajuda de Jerônimo, como indicação das realidades que desaparecem diante do nascimento de Cristo.

A quem foi enviado o Anjo? A uma Virgem desposada com um varão chamado José. Trata-se de uma Virgem, sublinha Bernardo, venerável, por ser saudada por um Anjo, e ao mesmo tempo modesta, pois está desposada com um carpinteiro:

Bela união da virgindade com a humildade: como agrada a Deus a alma qual a humildade engrandece a virgindade e a virgindade adorna a humildade. Quanta veneração pensas que mereça aquela cuja humildade é engrandecida pela fecundidade e cuja virgindade é consagrada pela maternidade? Vês que proclamam virgem, que a proclamam

[77] Cf. S. HIERONYMUS, *Libe rinterpretationis hebraico rumnominum*, p. 62,24.

[78] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 31.

humilde: se não podes imitar a virgindade da humilde, imita, então, a humildade da virgem.^[79]

Como notamos, Bernardo não perde a oportunidade de louvar estes dois atributos essenciais da vida monástica, a virgindade e a humildade^[80]. Devemos recordar que por volta da mesma época, o autor cisterciense escreveu um tratado sobre a virtude da humildade, *De gradibus humilitatis et superbiae*^[81].

O autor acrescenta que, enquanto a virgindade é aconselhada pelo Evangelho (Mt 19,12), a humildade é prescrita (Mt 18,3). Por essa razão, escreve: “ousa afirmar que sem a humildade nem a virgindade de Maria teria agradado [a Deus]”^[82].

Se Maria não fosse humilde, ousa afirmar o abade, o Espírito Santo não teria repousado sobre ela (cf. Lc 1,48), e se não tivesse repousado sobre ela, ela não teria concebido^[83]. Como se vê, o autor trata com grande esmero teológico o binômio virgindade-humildade, mas não se esquece de destacar a primazia da humildade.

^[79] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 32.

^[80] A continuação do sermão deixa clara a primazia da humildade. Segundo os especialistas, Bernardo escreveu *Os sermões de Louvor à Virgem Mãe* pouco depois da redação de seu *Tratado sobre a humildade e a soberba*, como se pode deduzir da Carta 18, endereçada ao cardeal diácono Pedro, cf. SAN BERNARDO, Carta XVIII,5, in: *Obras Completas*. Vol. VII, BAC: Madrid 2003, 159. O *Tratado sobre a humildade e a soberba* foi recentemente publicado em português (edição bilingue), cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Os graus da humildade e da soberba*, Concreta: São Paulo, 2017.

^[81] Cf. C. LEONARDI, *Introduzione*, in: *Opere di San Bernardo*. Vol. II. *Sentenze e altritesti*, Fondazione di Studi Cisterciensi: Roma 1990, 31.

^[82] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 33.

^[83] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 33.

Bernardo de Claraval indica, então, o atributo da Virgem Maria que a coloca acima de toda outra criatura na economia da redenção, Maria é Virgem e Mãe^[84]. A humildade de Maria é a porta aberta para que Deus una em Maria, o que naturalmente não pode ser unido: “Em Maria existe algo ainda maior que se deve admirar: a fecundidade unida à virgindade. De fato, jamais se ouviu dizer que uma mulher fosse, ao mesmo tempo, mãe e virgem”^[85].

Maria teve o privilégio de chamar de seu filho a majestade que os anjos servem com reverência. O Filho eterno de Deus, a quem estão sujeitos os coros angélicos, era submisso a Maria e a José, por causa de Maria, observa Bernardo.

Admira, pois, as duas coisas e vê qual delas merece maior admiração: se a benigníssima condescendência do Filho ou a sublime dignidade da Mãe. De uma e de outra nasce o espanto, o milagre, tanto da humildade sem par de um Deus que obedece à mulher, quanto da sublimidade única de uma mulher que manda sobre Deus.^[86]

Depois de dirigir aos seus leitores uma exortação à humildade, o Doutor Melífluo conclui o primeiro sermão apresentando Maria como modelo para casados e virgens, mas também para os santos anjos:

[84] O nome do seu opúsculo já afirma a centralidade deste mistério: *Sermões de Louvor à Virgem Mãe*. O fato de que Maria seja ao mesmo tempo Virgem e Mãe revela a sua grandeza e singularidade, a junção de tais títulos pode ser considerada o centro de gravidade da reflexão medieval sobre Maria, cf. J. PELIKAN, *Croissance de la Théologie Médiévale 600-1300 (La tradition chrétienne, tome III)*, PUF: Paris 1994, 174.

[85] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 34.

[86] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 34-35.

Venerai, pois, ó esposos, a integridade da carne corruptível; admirai também vós, sagradas virgens, a fecundidade na virgem; imitai, homens todos, a humildade da Mãe de Deus [...]. Honrai, santos anjos, a Mãe do vosso Rei, vós que adorais o Filho da nossa Virgem.^[87]

O segundo sermão retoma o tema do primeiro (humildade, virgindade, fecundidade) nos seus dois primeiros parágrafos; depois o cisterciense convida os seus leitores a contemplarem as extraordinárias qualidades pessoais da Virgem Maria, eis o tema central do referido sermão.

No início do sermão, Bernardo apresenta Maria como a Rainha das Virgens. Tal título indica que no Céu Maria cantará com ainda maior doçura e elegância o cântico novo reservado às virgens (cf. Ap 14,3-4), pois é a única que também pode gloriar-se de ser a Mãe de Deus. “Foi a Deus que ela deu à luz, que no céu glorificará a sua Mãe de forma singular, sobre a terra cuidou de provê-la com uma graça especial, para que, de forma inefável, ela concebesse permanecendo intata e desse à luz permanecendo íntegra”^[88].

O escritor cisterciense nos ajuda a compreender a grandeza de Maria, que, sendo a Rainha das Virgens, concebeu sobrenaturalmente o Salvador e viveu um parto divino que respeitou a sua integridade virginal. Deus, a quem ela deu à Luz na Terra, cuidou de provê-la com uma graça especial e inefável, a maternidade virginal, e no Céu a glorificará de forma singular^[89].

^[87] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 36.

^[88] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 37.

^[89] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 37.

Bernardo também sublinha que a Virgindade é como um sigilo que aponta para a identidade divina da criança que nasce: “Era conveniente que Deus nascesse só desse modo, isto é, de uma Virgem; e era também conveniente que a Virgem não tivesse que dar à luz a não ser a Deus”^[90].

Aquele que seria imaculado e manso-humilde, criou, ressalta Bernardo, uma mãe que fosse digna dele:

Quis que fosse virgem e imaculada aquela de quem ele nasceria imaculado [...] quis também que fosse humilde aquela que o geraria manso e humilde de coração (Mt 11,29) [...]. Portanto [Deus] deu à Virgem a maternidade, depois de haver-lhe inspirado o voto da virgindade e privilegiá-la com o mérito da humildade. De outra forma, como poderia o anjo proclamá-la cheia de graça (Lc 1,28), se nela houvesse algo de menos bom, ou não proveniente da graça?^[91]

Bernardo, então, afirma que, para que Maria fosse santa no corpo, foi-lhe dado o dom da virgindade, e, para que o fosse também no espírito, recebeu o dom da humildade. Assim, Maria, ornada com as pérolas das virtudes, santa de corpo e alma, despertou, por sua beleza singular, o olhar dos cidadãos do céu, comoveu o coração de Deus e atraiu para si o celeste mensageiro.

Enfatiza que a virgindade de Maria não é apenas um dado físico, mas uma qualidade físico-espiritual, um sinônimo de santidade, na medida em que indica a sua total per-

[90] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 37.

[91] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 38.

tença a Deus^[92]. Tal verdade é de suma importância para o pensamento de Bernardo, que havia escrito no primeiro sermão: “E quem é esta serva? Uma virgem toda santa, uma virgem sóbria, uma virgem devota. Por acaso pensas ser mais casto do que ela? Mais devoto?”^[93].

Nosso escritor faz, à luz dos Padres (Justino e Irineu), um paralelo entre Maria e Eva, ajudando os seus leitores a compreender que Maria é bendita entre todas as mulheres, e que, por causa de Maria, as mulheres também são benditas:

Quanta grandeza na Virgem! Acorrei, mães; acorrei filhas; acorrei todas que depois de Eva fostes dadas à luz e dais à luz na tristeza. Aproximai-vos do tálamo virginal; entrai, se puderdes, no casto aposento da vossa irmã [...]. Alegrete, ó pai Adão; mas sobretudo tu, ó mãe Eva, exulta! Vós fostes os pais de todos os homens, mas fostes também a sua ruína, e, o que é mais triste, mais a ruína do que os pais. Consolai-vos ambos, repito, por esta filha e por tal filha; mas de modo especial aquela que foi a primeira causa do mal [Eva] e que transmitiu a vergonha a todas as mulheres [...]. Eva, corra a Maria; mãe, corra à filha! Responda a filha pela mãe, tire ela a vergonha da mãe, defenda a mãe junto ao pai, porque se o homem caiu por causa da mulher, não se levantará senão por mérito da mulher.^[94]

[92] “Virgem na carne, virgem no espírito, virgem na vida prática, virgem, enfim, como a descreve o apóstolo, santa em corpo e em espírito”, in BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 40.

[93] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 33.

[94] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 39.

Propõe, logo depois, uma comparação entre Eva e Maria, em que fica claro que Maria é a mais admirável de todas as mulheres, pois reparou o mal cometido pelos pais e devolveu a vida a seus filhos:

De fato, coloca-se uma mulher no lugar de outra mulher, uma prudente no lugar de uma insensata, uma humilde no lugar de uma soberba, uma que em vez do fruto da árvore da morte te faz saborear o fruto da árvore da vida, uma vez que traz a doçura de um fruto eterno e não a amargura de um alimento venenoso.^[95]

Em seguida, recorda uma série de textos do Antigo Testamento (AT) que profetizam o singular privilégio da Virgem Maria e o seu papel na história da salvação^[96]:

- a) Pr 31,10: profetiza a força e a idoneidade de Maria;
- b) Ex 3,2: a Sarça Ardente indica o parto sem dor ou virginal de Maria;
- c) Nm 17,23 e Is 11,1: a vara de Aarão^[97] é a imagem de Maria que concebeu sem ter conhecido varão. Isaías ensina que o rebento é a Virgem Maria e a flor é Cristo;

[95] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 39.

[96] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 40-44.

[97] Trata-se de uma imagem muito cara à mariologia medieval, baseia-se na semelhança entre a palavra *virgo* (virgem) e *virga* (vara ou bastão). Bernardo escreve que Cristo foi um virgem que nasceu de uma vara-bastão que era virgem [*virgo virga virgine generatus*], cf. PELIKAN, *Croissance de la Théologie Médiévale 600-1300*, 174.

- d) Jz 6,37-40: o velo de Gedeão indicaria a Encarnação de Cristo que manteve intacta a virgindade de Maria;
- e) Jr 31,22: a obra nova prometida pelo Senhor indica a Virgem que como mãe envolverá o homem Jesus Cristo;
- f) Is 7,14: anuncia a concepção virginal de Cristo (LXX e Vulgata).

Todos os referidos textos são entendidos como o “Espírito dos Profetas” que apontam para a Virgindade e a Maternidade divina de Maria^[98].

Bernardo prossegue o seu sermão chamando a atenção dos seus leitores para a expressão “uma Virgem desposada” e perguntando, se Deus quis que uma virgem concebesse e desse à luz o seu Filho, por que era ela desposada? A resposta, ensina o cisterciense, se encontra nos Padres da Igreja^[99].

Os esposais de Maria, certamente, têm o mesmo motivo que a dúvida de Tomé (cf. Jo 20,25). Entre os judeus existia o costume de, desde o dia do noivado até o dia das núpcias, as esposas serem confiadas à guarda dos esposos, para que tanto melhor fosse conservada a sua castidade quanto mais fiéis eram entre si. Ora, assim como Tomé, com sua dúvida e depois com o seu toque (cf. Jo 20,27), tornou-se a mais firme testemunha da ressurreição do Senhor, da mesma forma José, casando-se com Maria e dando especial testemunho de seu comportamento durante o

[98] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 44.

[99] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 45.

tempo em que ela esteve sob sua guarda, foi a testemunha mais fiel de sua castidade. Esplêndida conveniência de ambos os fatos: tanto da dúvida de Tomé quanto do noivado de Maria.^[100]

Se Maria não fosse desposada e aparecesse grávida, não obstante a sua virgindade – quem acreditaria em sua virtude? – muitos a acusariam de ser uma meretriz: “Ora, não era conveniente que se dissesse isso da Mãe do Senhor. Por um certo tempo, era muito mais aceitável e honesto pensar que Cristo tivesse nascido de um matrimônio e não de uma fornicação”^[101].

E acrescenta:

Era, pois, necessário que Maria estivesse desposada com José. Com isso o santo era escondido aos cães (cf. Mt 7,6), a virgindade era comprovada pelo esposo e era poupada tanto a castidade quanto a fama da Virgem. O que é mais sábio e mais digno do que a Providência divina? Com um só ato é admitida uma testemunha dos segredos celestes, é excluído o inimigo e é conservada íntegra a fama da Virgem Mãe.^[102]

[100] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 46.

[101] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 46.

[102] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 47-48.

Bernardo explica que a decisão de José de abandonar Maria, a exemplo do que expressam as palavras de Pedro – “Senhor, afasta-te de mim que sou um homem pecador” (Lc 5,8) – e como a declaração do Centurião – “Senhor, eu não sou digno que entres sob o meu teto” (Mt 8,8) – era motivada pelo temor de José reconhecer a profundidade do mistério que envolvera Maria^[103].

Maria, segundo são Bernardo, descendia da Casa de Davi, para que se cumprisse a promessa que Deus fizera acerca do Messias no Sl 131,11. Seguindo o ensinamento de são Jerônimo, o escritor cisterciense afirma que o nome Maria significa “Estrela do Mar”^[104]. “Ela é a nobre estrela de Jacó (cf. Nm 24,17), cujo raio ilumina todo o universo”^[105].

Depois do louvor que conclui o segundo sermão e a primeira parte de sua célebre obra, Bernardo aprofunda no terceiro e no quarto sermões o tema dos louvores devidos à concepção virginal do Verbo Encarnado no seio da Virgem Maria, ponto cardeal da tradição cristã^[106].

[103] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 48-49.

[104] Cf. HIERONYMUS, *Liber interpretationis hebraico rumnominum*, 14,7. Na verdade, São Jerônimo escreve que Maria designaria “uma gota de água do mar [*stilla maris*]”, esta explicação etimológica foi retomada por Isidoro de Sevilha (cf. *Orig.* 7,10,1, in: PL 82,289), mas a palavra *stilla* (gota) se transformou em *stella* (estrela), cf. PELIKAN, *Croissance de la Théologie Médiévale 600-1300*, 173. Para Bernardo, Maria é a Estrela-Mãe, à qual o monge recorre no campo de batalha da aventura individual e comunitária que é o claustro do mosteiro, cf. ARANGUREN, *Introduccion*, 20.

[105] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 51.

[106] Cf. LEONARDI, *Introduzione*, 13.

No texto em questão, Bernardo utiliza cinco qualificadores (nobre, formosa, fúlgida, esplendente e brilhante) associados ao nome *Estrela*. O autor reforça o caráter estelar de Maria, afirmando que, assim como as estrelas brilham no céu e seu brilho ilumina a Terra, Maria, mesmo estando na Terra, ilumina todo o universo. Bernardo convida os fiéis a olharem para Maria e terem suas vidas iluminadas pelo seu brilho^[107]:

Ó tu, que na instabilidade deste mundo sentes que és mais sacudido pelas tormentas e tempestades do que andas sobre a terra, não desvies o olhar do fulgor dessa estrela, se não quiseses ser arrasado pelos furacões! Se contra ti se insurgirem os ventos das tentações e se bateres contra as rochas das tribulações, olha para a estrela, invoca a Maria. Se és jogado pelas ondas da soberba, das ambições, da calúnia e da rivalidade, olha para a estrela, invoca a Maria. Se és atirado de lá para cá pelas ondas da soberba, das ambições, de calúnia e do orgulho, olha para a estrela, invoca Maria...^[108]

Bernardo utiliza ainda a analogia de Maria com a estrela para defender a sua perpétua virgindade. Escreve: “assim como a estrela emite seu raio sem se alterar, da mesma forma, a Virgem deu à luz o Filho sem ferir sua integridade”^[109].

[107] Cf. D. R. VIEIRA FILHO, *A Construção da Imagem de Maria em Sermões de Bernardo de Claraual* (Tese de mestrado em estudo de linguagens – UFBA), Salvador 2014, 55.

[108] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 51-52.

[109] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 51.

Reconhecendo, logo no início de seu terceiro sermão, os seus próprios limites (cf. Is 6,5) para tratar de tão excelsos mistérios, Bernardo nos oferece uma lição de humildade teológica, ao afirmar que precisa recorrer ao ensinamento dos santos profetas (diríamos hoje hagiógrafos) para transmitir o fruto de sua contemplação.

Ao comentar Lc 1,28, o abade se interroga quanto ao lugar onde Maria estava no momento em que o Anjo a saúda na Anunciação: “Onde estava ela para que entrasse? Creio que no santuário de um honesto aposento onde ela, talvez, a portas fechadas, rezava a seu Pai em segredo (cf. Mt 6,6)”^[110].

Afirma que o Anjo pôde entrar no aposento da Virgem, mesmo estando as portas fechadas, graças à sutileza de sua substância^[111]. Suas palavras – “cheia de graça” (Lc 1,28) – indicavam a plenitude da graça que habitava não só em sua alma, mas em seu corpo também, pois conceberia, por obra do Espírito Santo, o Filho eterno de Deus.

Iluminado pelo Sl 44,11-12 e pelas palavras do anjo – “o Senhor está contigo” (Lc 1,28) –, Bernardo afirma que o Rei ficou fascinado com a beleza da Virgem e por isso, saindo de seu santo lugar (cf. Is 26,21) foi ao encontro da Virgem escolhida e lá chegou antes de seu mensageiro. “E quando aceitou Cristo como seu filho não ficou desiludida nem violou o propósito de virgindade. Por isso, com justiça, é cheia

^[110] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 53.

^[111] Durante os séculos XII-XIV, discutiu-se a questão da substância angélica: alguns receavam afirmar que os anjos eram espíritos puros (Boaventura), com medo de igualá-los a Deus; outros ensinavam que eram criaturas puramente espirituais (Tomás de Aquino). Bernardo parece sugerir que houvesse um quê de corporalidade nos seres angélicos, para que não fossem, como Deus, espíritos puros, entretanto, ensina que tal elemento seria tão sutil, que os anjos se moveriam na Terra como espíritos puros.

de graça aquela que conservou a graça da virgindade e, além disso, adquiriu a glória da maternidade”^[112].

Ao falar da presença de Deus em/com Maria, Bernardo recorda que nas criaturas racionais, Deus quis estar presente pela concórdia da vontade: não divergindo da vontade divina, unem-se espiritualmente a Deus. No caso de Maria, temos algo ainda maior, pois a sua união com Deus não era apenas de ordem volitiva, na medida em que Deus se uniu à sua carne para se Encarnar, ou seja, da substância da Virgem foi formado o Cristo: “E embora não procedesse todo de Deus, nem procedesse todo da Virgem, ele era todo de Deus e todo da Virgem: não sendo dois filhos [duas pessoas] mas um só filho [uma só pessoa], de um e de outra”^[113].

Continuando a sua reflexão sobre as palavras “o Senhor está contigo” (Lc 1,28), o Doutor Melífluo nos ajuda a compreender que tais palavras indicam, na verdade, a presença e a ação trinitária de Deus em Maria no mistério da Encarnação:

Está contigo o Pai que faz teu o seu Filho. Está contigo o Filho que, para realizar em ti o admirável mistério [da Encarnação], de forma maravilhosa abre para si o segredo do teu seio e te conserva intato o sinal da virgindade. Está contigo o Espírito Santo que, com o Pai e o Filho, santifica o teu seio. Portanto o Senhor está contigo.^[114]

As palavras de Isabel – “Bendita és tu entre as mulheres” – devem ser entendidas, segundo o nosso autor, à luz das que seguem – “Bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42): “O fruto do teu ventre é bendito, não porque tu és bendita;

[112] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 55.

[113] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 56.

[114] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 56.

mas tu és bendita porque”^[115] é verdadeiramente bendito o fruto (Cristo) do teu ventre. A união do louvor à Maria ao louvor ao seu Filho é um elemento característico da segunda parte da obra de Bernardo (terceiro e quarto sermões).

Maria é bendita porque, como Virgem, não vive a maldição da esterilidade, mas concebe e dá à luz o Filho eterno de Deus. É bendita porque, na sua maternidade sobrenatural, está isenta da maldição da dor ligada ao parto^[116].

Mas, como Maria formulou em seu coração o voto de virgindade? Não há no AT nenhuma lei ou disposição que prescreva, aconselhe ou exorte à virgindade. Bernardo escreve que o Espírito Santo ungiu o seu coração e lhe ensinava tudo (cf. 1 Jo 2,27), e assim gerou o propósito de consagrar a Deus todo o seu ser na virgindade^[117].

E se em Israel ainda fores amaldiçoada segundo a carne, não porque te vêem estéril, mas porque te invejam a maternidade, lembra-te que também Cristo, que nos céus te abençoou como sua mãe, carregou a maldição da cruz. Mas também na terra tu foste abençoada pelo Anjo e, com razão, és proclamada bem-aventurada por todas as gerações da terra.^[118]

Por que Maria perturbou-se diante do anúncio angélico (Lc 1,29)? Perturbou-se por causa de seu pudor virginal, não por falta de coragem, mas calou e refletiu por causa da prudência.

[115] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 56.

[116] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 57-58.

[117] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 59.

[118] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 59.

“Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus” (Lc 1,30). De que graça se trata, pergunta Bernardo. “A paz entre Deus e os homens, a restauração da vida”^[119]. O nome de Jesus oferece a compreensão necessária à questão levantada, a graça é a salvação, pois Ele é aquele que salvará o seu povo de seus pecados (cf. Mt 1,21).

“Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo” (Lc 1,32). O termo *Altíssimo* designa, por um lado, a divindade de Jesus Cristo e, por outro, a grandeza de sua humanidade, que será glorificada diante dos reis deste mundo (cf. Eclo 45,3).

No início de seu quarto sermão, Bernardo ensina que os louvores dedicados à Virgem pertencem ao Filho e vice-versa (Mariologia ↔ Cristologia).

À luz das palavras “O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu Pai” (Lc 1,32), o escritor pergunta como Deus daria a Jesus o trono de Davi, se ele nunca reinou em Jerusalém? Responde, afirmando que é necessário buscar o sentido espiritual do texto^[120]. Associando Jerusalém com o monte Sião e a casa de Jacó, expressão que aparece em Lc 1,33 (“E reinará para sempre sobre a casa de Jacó e o seu reino não terá fim”), Bernardo defende que Jesus Cristo reinará sobre o novo Israel, ou seja, a Igreja: “Bem-aventurados aqueles nos quais Jesus reinará para sempre, porque eles reinarão com ele, e o seu reino não terá fim”^[121]. O autor continua o seu sermão, elevando a Deus uma oração, na qual afirma que o coração de cada cristão deve ser um trono santo sobre o qual reina soberanamente o Senhor.

[119] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 60.

[120] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 65.

[121] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 67.

Ao comentar o texto “Maria disse ao Anjo: como se fará isso pois eu não conheço varão?” (Lc 1,34), Bernardo coloca em relevo o prudente e humilde silêncio que antecedeu a pergunta de Maria e a coragem da fé que lhe dá a liberdade de perguntar ao mensageiro como tudo se realizará, tendo em vista que próprio Deus lhe havia inspirado o propósito de uma vida virginal.

A resposta do Anjo – “O Espírito Santo descera sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” (Lc 1,35) – inspira uma pergunta, segundo Bernardo: se Maria já era cheia de graça, porque o Espírito Santo de Deus ainda precisava vir sobre ela? Ele já não estaria presente em Maria? A resposta é simples, sim, ela era cheia de graça, mas o Espírito virá sobre ela para realizar algo inaudito e misterioso: a Encarnação do Verbo. “A plenitude da Divindade (cf. Cl 2,9), que antes habitava nela de forma espiritual, como em muitos santos, depois, começa a habitar nela também corporalmente, o que não aconteceu com nenhum santo”^[122].

A expressão “o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” indica o mistério pelo qual “a Trindade quis agir só, na e com a Virgem somente, a quem somente foi dado saber o que só a ela foi dado experimentar [...] ficará coberta como na sombra de seu secretíssimo desígnio e escondida a todos, de forma que somente ele e tu a conheçam”^[123].

“Por isso, o Santo que há de nascer de ti será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35). Evitando usar o termo filosófico *natureza*, o abade cisterciense busca explicar que o termo *Santo* se refere à natureza divina do Unigênito do Pai e à natureza

[122] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 69.

[123] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 69.

humana santa, tirada da puríssima carne de Virgem e santificada tanto pela ação geradora do Espírito Santo como pela união com o Verbo Eterno (graça de união)^[124].

E por que o Anjo acrescentou “Eis que também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice” (Lc 1,36), se Maria não duvidou das palavras angélicas? Bernardo apresenta, então, quatro razões de conveniência:

- a) Acrescentou-se um milagre a outro milagre, para aumentar uma alegria com outra alegria;
- b) “A concepção de Isabel foi anunciada a Maria, também porque era conveniente que aquela notícia, que logo mais seria divulgada em toda parte, fosse anunciada a Maria por um Anjo [...] para que não parecesse que a Mãe de Deus desconhecia os desígnios do Filho”^[125];
- c) “A concepção de Isabel foi revelada a Maria, para que ela, conhecendo tanto a vinda do Salvador quanto a do precursor e sabendo bem o tempo e a ordem de ambos, mais tarde pudesse expor esta verdade com ordem aos escritores e aos pregadores do Evangelho”^[126];

[124] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 70.

[125] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 71.

[126] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 71.

- d) “A concepção de Isabel foi anunciada a Maria para que, sabendo que a parenta idosa estava grávida, ela, mais jovem, se dispusesse a ir ajudá-la, e assim, indo prontamente visitá-la, se desse ocasião ao pequeno profeta de prestar as primícias dos serviços ao seu Senhor”^[127].

As palavras angélicas “Porque a Deus nada é impossível” (Lc 1,37) são interpretadas como uma atestação de que será o próprio Deus Onipotente que realizará tudo o que o Anjo anunciou^[128].

Em um dos pontos mais belos e profundos do sermão, o cisterciense escreve:

O Anjo aguarda a tua resposta; já é tempo de voltar para aquele que o enviou. Também nós, Senhora, miseravelmente esmagados por uma sentença de condenação, esperamos a tua palavra de misericórdia. Eis que te é oferecido o preço da nossa salvação: se consentires, seremos imediatamente libertados: Todos fomos criados pela sempiterna Palavra de Deus, mas caímos na morte; com uma breve resposta tua seremos recriados e novamente chamados à vida.^[129]

^[127] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 71.

^[128] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 71-72.

^[129] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 73.

Segundo Bernardo, naquele momento, todos os justos do Antigo Testamento (Adão, Abrão, Davi) e toda a humanidade, suplicavam a resposta positiva de Maria. Seu consentimento trará o alívio para os infelizes, a redenção aos cativos, a libertação aos condenados, a salvação a todos os filhos de Adão^[130].

Responde depressa, ó Virgem. Pronuncia, ó Senhora, a palavra esperada pela terra, pelos infernos e também pelos céus. O próprio Rei e Senhor de todos, tanto quanto cobizou a tua beleza (cf. Sl 44,12), deseja agora a tua resposta afirmativa, porque por ela decidiu salvar o mundo (cf. Jo 3,17). Agradaste a ele pelo silêncio, muito mais lhe agrada-rás pela palavra, porque do céu ele te chama.^[131]

O Santo retoma uma ideia presente em seu terceiro sermão: Maria estaria rezando quando ocorreu a Anunciação. Com uma pergunta retórica, Bernardo nos ajuda a compreender que Maria, unida a todo Israel, intercedia dia e noite pela vinda do Messias. O Anjo, ao visitá-la, vem responder a sua oração, revelando que é ela a Virgem escolhida para ser a Mãe do Salvador: “És tu aquela a quem isso é prometido, ou devemos esperar por outra (Mt 11,3)? És tu; não outra! És tu, repito, a prometida, a esperada, a desejada”^[132].

[130] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 73.

[131] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 73.

[132] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 73.

A palavra de Maria, o seu *Sim*, fez com que acolhesse a Palavra Eterna. Com prudência virginal, modéstia confiante e uma fé corajosa, Maria se entregou a Deus e ao mesmo tempo o acolheu em seu seio^[133].

Em tudo brilha a humildade da Virgem, que escolhida para ser a Mãe Deus, se proclama a Serva. Que exemplo, para toda a Igreja! Bernardo aproveita a virtude da Virgem para criticar os homens que buscam sem pudor as honras eclesiásticas e uma santidade que reluz mais em suas vestes do que em seus espíritos^[134]. Do mesmo mal podem padecer os monges que, depois de ter desprezado humildemente as vaidades do mundo, percorrem pela via da soberba o caminho da insolência, da intolerância e da busca pelas honras^[135].

Conclui o seu quarto sermão enaltecendo a exemplaridade do *Sim* de Maria ("Faça-se em mim segundo a tua Palavra" – Lc 1,38) e declarando o seu amor monástico à Palavra de Deus que se encarnou no seio da Virgem humilde. Através de uma vida humilde e virgem, como a de Maria, o cisterciense busca acolher, através da *Lectio Divina* e do Santo Ofício, a Palavra Encarnada^[136]. Maria se apresenta como modelo para a vida monástica:

Faça-se em mim segundo a tua palavra a respeito da Palavra. A Palavra que no princípio estava com Deus (cf. Jo

[133] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 74.

[134] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 75.

[135] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 75.

[136] Sobre a relação entre o Monge e a Palavra, cf. J. M. DE LA TORRE, *El carisma cisterciense y bernardiano*, in: SAN BERNARDO, *Obras Completas. Vol. I (Tratados)*, BAC: Madrid 1983, 54-57.

1,1), se faça carne da minha carne (cf. Gn 2,23) segundo a tua palavra. Peço que em mim se faça a Palavra: não aquela que, depois de falada, passa; mas a que permanece depois de concebida, porque revestida de carne e não feita de ar. Faça-se em mim não só a palavra que se ouve pelos ouvidos, mas também aquela que é visível pelos olhos, perceptível pelas mãos, que se pode levar nos braços. Não se faça em mim uma palavra escrita e muda, mas encarnada e viva [...]. Faça-se em mim como a ninguém foi feito antes nem será feito depois de mim [...] peço que a Palavra de Deus se encarne no meu seio, segundo a tua palavra.^[137]

3.2 Sermão da Natividade (ou do Aqueduto)

Muito importante para a doutrina da mediação de Maria^[138] é o Sermão pronunciado por Bernardo por ocasião da festa da Natividade da Virgem Maria, citado por Pio XI, na encíclica *Ingravescentibus malis* (1937): “[...] imploramos a Deus a medição da Bem-Aventurada Virgem, tão cara aos seus olhos, pois, para usar as palavras de São Bernardo ‘assim foi da Sua [de Deus] vontade, que tivéssemos tudo por meio de Maria’”^[139].

No exórdio do referido sermão, também conhecido como o Sermão do Aqueduto, Bernardo afirma que o Céu desfruta da presença da Virgem Maria, enquanto a Terra venera a sua memória, pois lá se encontra a posse de todo bem (plenitude), enquanto aqui se encontram as suas primícias.

^[137] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 77.

^[138] Cf. HAUKE, *Introduzione ala Mariologia*, 281.

^[139] PIO XI, Encíclica *Ingravescentibus malis*, in: *Enchiridion dele Encicliche* n. 5, EDB: Bologna 2001, n. 1330.

Sendo Cristo o esplendor do Céu, o Santo ensina que a Virgem Mãe gerou o Esplendor na sombra de nossa condição humana, por isso a Igreja peregrina canta a grandeza de seu papel mediador:

Aquela fonte celeste chegou até nós através do aqueduto; não prorrompendo em toda a abundância da fonte, mas infundindo gotas de graças em nossos corações ressequidos; em alguns mais, menos em outros. Evidentemente o aqueduto está cheio, para que todos recebam de sua plenitude (cf. Jo 1,16), mas não a própria plenitude.^[140]

E prossegue:

Se não me engano, já compreendestes de que aqueduto pretendo falar: o aqueduto que, recebendo do coração do Pai a plenitude da própria fonte, nos deu essa mesma fonte, se não assim como ela é, ao menos na medida em que nós a podíamos receber. Afinal, sabeis a quem foi dito: “Deus te salve, cheia de graça” (Lc 1,28). Portanto, devemos maravilhar-nos se o aqueduto é tão grande e tão cheio que seu cume toca os céus.^[141]

[140] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 83.

[141] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 83.

Compara o papel e a missão de Maria com a escada que Jacó viu em sonho (cf. Gn 28,12), mas sublinha que Maria é uma escada que ultrapassa o céu das criaturas, pois chega, por graça, à fonte da vida que é Deus, tornando-se, assim, o aqueduto tão desejado pelos homens, na medida em que lhes oferece os rios da graça.

Busca, então, responder a uma questão: de que forma Maria alcança a fonte divina? Sua resposta: pela força do desejo, pelo fervor da devoção e pela pureza da oração, mas não esquece de recordar que a tudo isso se deve somar a justiça (santidade) incomparável de Maria, mãe do sol da justiça (cf. Ml 4,2)^[142].

Recolhe imagens que, de certo modo, preparam profeticamente o papel mediador de Maria: o velo de Gedeão (Jz 6,38-40) recorda que Deus quis molhar todo o velo, antes de regar o terreno de Gedeão; o pecado de Eva implora por redenção, redenção que virá, segundo a promessa de Deus (cf. Gn 3,12.15) por meio de uma Mulher e de seu Filho^[143].

Contemplando o plano salvífico amorosíssimo de Deus, o abade cisterciense convida os seus leitores a mergulhar ainda em outras razões que apontam para o afeto que Deus quis que os homens nutrissem por Maria. Ele a compara a um jardim de delícias, onde sempre sopra com grande intensidade (cf. Ct 4,12-16) o vento divino, o que faz com que os seus perfumes (dons e carismas) se espalhem. Apresenta-a como a estrela do mar, que é esperança para os navegantes (cf. Sl 103,25)^[144].

[142] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 83.

[143] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 84.

[144] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 84-85.

Apresentando Jesus como o mediador do Céu e da Terra, Bernardo apresenta a medição participada ou subordinada de Maria:

Portanto, veneremos esta Maria com toda a força do nosso coração, dos nossos afetos e dos nossos desejos, pois esta é a vontade daquele que quis que recebêssemos tudo através de Maria. Esta é a sua vontade, repito, mas para o nosso bem. Em tudo e por tudo ele vela pelos miseráveis [...]. Deu-te Jesus como mediador [...]. Maria deu-te este [Jesus] irmão. Mas, nele talvez temas a majestade divina porque, embora se tenha feito homem, continua a ser Deus. Queres ter um advogado também junto a ele? Recorre a Maria. Na verdade, em Maria existe a pura humanidade [...]. Certamente o Filho ouvirá a Mãe, como o Pai ouvirá o Filho.^[145]

Maria é chamada de *a escada dos pecadores*, aquela que é sempre ouvida pelo Mediador e, que se apresenta, assim, como mediadora em Cristo. Bernardo recorda, à luz de Lc 1,30, que tudo o que Maria é e faz, é fruto da graça de Deus, graça que tem como objetivo a nossa salvação.

Por esta razão, exorta os seus leitores a procurar a graça de Deus através de Maria, pois “obtem o que pede e jamais deixa de ser ouvida”^[146].

Enaltece, então, a humildade de Maria e o seu estilo de vida virginal e santo, que Bernardo compara à vida angélica.

[145] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 85.

[146] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 86.

ca^[147]. Nos anjos existe a caridade, a pureza e a humildade, qual destas virtudes não resplandeceu em Maria, pergunta Bernardo^[148].

Defende a santidade de corpo e alma do aqueduto querido por Deus:

Percebes que também deste modo o nosso aqueduto sobre até a fonte, penetra os céus não só com a oração (cf. Eclo 35,21), mas também com a incorruptibilidade que o aproxima de Deus como diz o Sábio (cf. Sb 6,20)? Pois era uma virgem santa de corpo e de espírito (1 Cor 7,34) [...] para que não paire dúvida alguma sobre este aqueduto, que é, sem dúvida, muito sublime, e permanece incorrupto. Um jardim fechado, uma fonte selada (Ct 4,12), templo de Deus, sacrário do Espírito Santo.^[149]

Buscando explicar o caminho ascendente da Virgem, Bernardo recorda a Visitação, comparando as montanhas de Judá (cf. Lc 1,39-40) com a justiça de Deus (cf. Sl 35,7): “Esta subida da Virgem foi tríplice, porque uma corda tripla não se rompe facilmente (cf. Ecl 4,12): a caridade procurava a graça com fervor, a virgindade resplandecia na sua carne, a humildade resplandecia no serviço a Isabel”^[150].

O caminho ascendente de Maria a conduz até a esfera divina. Acima dos homens e dos anjos, ela percorre o caminho

^[147] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 86.

^[148] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 89.

^[149] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 86-87.

^[150] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 87.

de Cristo, pois foi a escolhida para ser a Virgem Mãe do Verbo eterno de Deus e auxiliá-lo em sua missão redentora^[151].

À luz da semelhança entre as palavras *virgo* (virgem) e *virga* (vara), o abade cisterciense ensina que a missão de Maria é prefigurada pela frutuosidade da vara de Aarão, pois ao beber do mais alto dos céus, derrama rios de graça sobre a humanidade. O escritor mariano, como se vê, coloca em relevo a mediação descendente (catábica) de Maria.

Com relação aos seres angélicos, depois de ter recordado o que têm em comum com Maria, Bernardo destaca a razão de sua supereminência: foi escolhida por Deus para ser a Mãe do Verbo Encarnado (cf. Lc 1,35). Enquanto os anjos são os ministros do Senhor, Maria é sua Serva e Mãe: “[...] ela se tornou tanto mais sublime do que os anjos, quanto o título de Mãe é diferente do título de ministro”^[152].

Depois de exortar os seus leitores a deixar o Verbo, que saiu da boca do Pai e chegou até o mundo por intermédio da Virgem, produzir os seus frutos (graça sobre graça) em suas vidas^[153], alerta-os contra o perigo da murmuração, do desespero e da ambição^[154] e encoraja-os a viver em um espírito de oração e de louvor^[155]. Bernardo continua o seu sermão convidando-os a lutarem pela santificação de sua alma. Tal luta, permite que o cristão mostre ao Senhor o seu amor^[156].

[151] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 88-89.

[152] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 90.

[153] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 90.

[154] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 91.

[155] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 92.

[156] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa*

Comparando as virtudes da alma a lírios (cf. Ct 2,2), pede que seus leitores sigam os passos de Maria, e se tornem jardins diletos de Deus: “Em Maria ele [Cristo] se alimentava, e com abundância, por causa da multidão de lírios. Ou não são lírios a glória da virgindade, o ornato da humildade e a superexcelência da caridade?”^[157].

O sermão se conclui com um convite a experimentar a mediação ascendente (anabática) de Maria, e assim se retoma a imagem do aqueduto de mão dupla que é Maria:

Seja qual for a oferta que estejas preparando, lembra-te de confiá-la a Maria, a fim de que a graça retorne ao doador da graça pelo mesmo canal pelo qual chegou. É verdade que, se quisesse, Deus teria podido infundir a graça sem este aqueduto; mas ele quis dar-nos esse meio [...]. Por isso, aquele pouco que desejas oferecer, se não quiseses que seja rejeitado, cuida de oferecê-lo pelas agradabilíssimas e digníssimas mãos de Maria. Realmente, eles são lírios candíssimos, e o divino amante dos lírios não deixará de encontrar a tua oferta, qualquer que ela seja, entre os lírios que encontrou nas mãos de Maria.^[158]

3.3 Sermões da Assunção

Bernardo dedica sete sermões à Assunção de Maria, seis pronunciados no dia da referida solenidade e um pronunciado no domingo da oitava.

Senhora, 93.

^[157] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 94.

^[158] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 95.

O cisterciense inicia o seu primeiro sermão afirmando que a presença de Maria Assunta nos céus aumentou grandemente a alegria dos cidadãos do paraíso. Tal alegria é mais perfeita do que aquela que tomou conta de Isabel e de seu filho, ainda não nascido, João Batista, no episódio evangélico da Visitação (cf. Lc 1,41-44): “Todo o universo resplandecia com a presença de Maria. Tanto que a própria pátria celeste brilha ainda mais luminosa com o fulgor irradiado por essa lâmpada virginal”^[159].

Mas, diante do júbilo celeste, qual deve ser a atitude da Igreja peregrina? Chorar por sua ausência? Não, pois os cristãos também são vocacionados à pátria celeste, e por essa razão, através da liturgia, a Igreja peregrina (no exílio da terra, cf. Sl 136,1) pode participar do júbilo e da alegria celestes. Tal experiência é comparada, por Bernardo, ao orvalho que goteja sobre a terra (cf. Sl 71,6).

A Rainha precede os servos, os servos contemplam com gratidão e confiança a glória da Senhora, buscando seguir o seu caminho (cf. Ct 1,3). No Céu, a rainha age como advogada dos cristãos, a mãe misericordiosa do Juízo, intercede humildemente pela salvação de seus filhos. Bernardo aprofunda o papel mediador da Virgem Assunta:

Hoje a nossa terra enviou um dom precioso, para que dando e recebendo, numa feliz aliança de amizade, o humano se una ao divino, o terreno ao celeste, o ínfimo ao altíssimo [...] subindo para o alto, a bem-aventurada Virgem também distribuirá dons aos homens (cf. Ef 4,8). E por que não os distribuiria? Não lhe faltaria o poder e nem a von-

[159] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 147.

tade: é a Rainha do Céu, é misericordiosa e, além disso, é a Mãe do unigênito Filho de Deus.^[160]

Bernardo, então, compara o acolhimento da Anunciação com aquele da Assunção: assim como Maria acolheu Jesus no templo do seu seio virginal, o lugar mais digno que havia sobre a terra, recorda Bernardo, o seu Filho a recebe no seio eterno do trono divino^[161].

Descreve ainda com sensibilidade espiritual ímpar o acolhimento da Assunta no céu:

Mas quem conseguiria imaginar também a glória que hoje cerca a Rainha do mundo, a afetuosa devoção com que a multidão das legiões celestes lhe vai ao encontro, os cantos com os quais ela é acompanhada ao trono de glória, o aspecto de paz, a face serena e os braços divinos com os quais ela é recebida pelo Filho, exaltada sobre todas as criaturas com a honra de que tal mãe é digna e com a mesma glória que só o Filho mereceu? Seguramente eram beijos de completa felicidade os beijos impressos pelos lábios da criança que a Mãe acariciava no seu seio virginal! E não consideraremos beijos de ainda maior felicidade aqueles que ela recebeu hoje da boca daquele que está sentado à direita do Pai?^[162]

Bernardo, com a sua linguagem mística e poética, parece indicar a corporalidade da Virgem e de seu Filho no céu. Tal fato

[160] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 148.

[161] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 148-149.

[162] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 149.

corresponderia bem à comparação que Bernardo faz entre a Encarnação do Verbo e a Assunção da Virgem Maria. O Mistério da Encarnação explica teologicamente o mistério da Assunção.

No segundo sermão, o cisterciense também parte do movimento analógico de “descida” do Verbo (Encarnação) para fundamentar o movimento de “subida” de Maria ao Céu (Assunção). Deus “desce” do Céu e é acolhido na casa do seio virginal de Maria, uma casa santa.

A relação entre a Encarnação e a Assunção	
Encarnação	Assunção
O Verbo se encarnou e foi acolhido pela Virgem Santa (Terra)	A Virgem Santa foi glorificada e acolhida pelo Verbo Encarnado (Céu)

Tal prodígio ocorre graças à ação do Espírito Santo, que faz com que a cheia de graça possa se tornar uma doadora da graça:

Afirma também que sobre ela haveria de descer o Espírito Santo (cf. Lc 1,35). E para que, senão para enchê-la de forma superabundante? Para que, senão que, já cheia do Espírito Santo que desce sobre ela, pela nova vinda do Espírito Santo ela se tornasse para nós uma supercheia e superdoadora [*superplena et supereffluens fiat*]? Oxalá se espalhem sobre nós os aromas das graças (cf. Ct 4,16)! Oxalá todos participemos de tanta plenitude (cf. Jo 1,16)! Ela é a nossa medianeira, é por ela que recebemos a tua misericórdia, ó Deus (cf. Sl 47,10); é por meio dela que também nós podemos acolher em nossas casas o Senhor Jesus.^[163]

^[163] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 152.

A partir do exemplo de Maria, Bernardo dirige uma exortação aos seus ouvintes, para que abram as suas casas (suas vidas, seus corações) ao Salvador, deixando-se santificar pelo divino e evitando ser como um sepulcro caiado, onde se escondem a sujeira e a podridão (cf. Mt 23,27).

Invoca o exemplo da Casa de Betânia^[164], e afirma que os três irmãos cuidavam da casa: Marta a ornava (atividade que brota da caridade), Lázaro a limpava (penitência) e Maria a enchia com Cristo (contemplação interior). Eis um itinerário para os monges e todos os cristãos. Mas, ao falar da penitência, associando-a a Lázaro, Bernardo menciona Maria e ensina:

Porque consta, sem sombra de dúvida, que Maria foi purificada da mancha original somente pela graça, assim como a graça lava esta mancha agora somente pelo batismo, e no passado somente pela pedra da circuncisão [cf. Ex 4,25]. Portanto, se, como a piedade nos leva a crer, Maria não teve pecado pessoal, de forma alguma seu inocentíssimo coração tinha necessidade de penitência.^[165]

Na casa interior de Maria, a penitência – Lázaro – não era necessária, pois, toda santa era, mas encontramos as atitudes de Marta e de Maria, pois depois da Visitação, passou três meses a serviço de sua prima Isabel, mas ao mesmo tempo conservava e meditava tudo o que se dizia de seu Filho em seu coração (cf. Lc 2,19)^[166].

[164] Na época de Bernardo, o Evangelho da solenidade da Assunção era o de Lc 10,38-42, ou seja, o texto de Marta e Maria.

[165] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 157.

[166] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 157.

Compara, então, Maria com as virgens prudentes do Evangelho (Mt 25,1-13) e afirma que a mesma, ao final de sua existência terrestre, foi recebida pelo Senhor na sala de núpcias de sua casa eterna^[167]. Maria é, então, apresentada como a mulher forte que esmagou a cabeça da serpente, sua lâmpada nunca se apagou!

Avançou, portanto, a Virgem gloriosa, cuja ardentíssima lâmpada foi como um milagre de luz para os próprios anjos que diziam: “Quem é esta que avança como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, brilhante como o sol” (Ct 6,9)? Mais luminosa que todas brilhava aquela que, preferida a todos os eleitos, seu Filho e Senhor nosso, Jesus Cristo, havia enchido com o óleo da graça.^[168]

No seu terceiro sermão, Bernardo prolonga a sua reflexão comparando as duas irmãs de Betânia às atitudes fundamentais do coração cristão.

Voltando à relação entre a Encarnação e a Assunção, Bernardo escreve:

Marta recebe o Salvador em sua casa na terra; Maria, porém, se preocupa como será recebida por ele na casa não construída por mãos humanas, mas na eterna, nos céus (cf. 2 Cor 5,1). Todavia, talvez se possa dizer que também ela recebeu o Senhor, mas em espírito, pois o Senhor é espírito (2 Cor 3,17).^[169]

[167] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 158.

[168] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 158.

[169] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 159.

O sermão seguinte é dedicado à figura de Lázaro. O abade começa expressando o desejo de que todos os homens conheçam o mistério da Assunção, pelo qual a Mãe do Verbo encarnado foi elevado ao céu, e a natureza humana, na Virgem, foi exaltada acima dos espíritos imortais. As palavras de Bernardo, mais uma vez, parecem indicar a Assunção de corpo e alma da Virgem Maria, pois refere-se à Encarnação e à elevação da Natureza humana mortal (a alma não é mortal)^[170].

Buscando, com os limites próprios da linguagem humana, apresentar a grandeza de Maria, Bernardo se pergunta:

E não deveria chamar de delícias a honra da virgindade unida ao dom da fecundidade, o ornamento da humildade, o favo que destila a caridade, as entranhas de misericórdia (cf. Lc 1,78), a plenitude da graça e o privilégio de uma glória singular?^[171]

Mais uma vez, destaca que mais admirável do que o mistério da Assunção é o mistério da Encarnação: o deserto da terra pôde oferecer ao céu o fruto da Virgem-Mãe de Deus, na medida em que o Senhor “desceu” do Céu, para espalhar a sua bondade sobre a terra^[172].

Bernardo destaca, então, que aquele que se encarnou vem retirar Lázaro da vergonha da putrefação da morte. As expressões “Tirai a pedra” (Jo 11,39) e “desatai-o” (Jo 11,44) indicam que Jesus vem devolver a seu discípulo a

[170] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 165.

[171] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 165.

[172] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 166.

verdadeira liberdade, para que possa percorrer o caminho da ascese cristã^[173].

Voltando a falar da Virgem Maria, Bernardo confessa: “Não há nada que mais me alegre e, ao mesmo tempo, mais me atemorize do que falar da glória da Virgem Mãe”^[174]. Reafirma, a seguir, o privilégio que caracteriza a singularidade teológica da Virgem Maria:

Numa só coisa ela jamais teve alguém semelhante, nem antes, nem depois dela: as alegrias da maternidade unidas à honra da virgindade: Maria escolheu a melhor parte (Lc 10,42). A melhor, sem dúvida, pois a fecundidade conjugal é boa, a castidade virginal, porém, é melhor; mas a fecundidade virginal ou a virgindade fecunda é absolutamente superior. Este é o privilégio de Maria: não será dado a nenhum outro, porque não lhe será tirado (Lc 10,42) [...]. E se eu acrescentar de quem ela é mãe? Que língua, mesmo que fosse a língua de um anjo, poderia cantar dignamente os louvores da Virgem Mãe, mãe não de um qualquer, mas de Deus? Dupla novidade, dupla prerrogativa, duplo milagre, mas digna e perfeitamente conveniente: nenhum outro filho conviria à Virgem nem outro nascimento a Deus.^[175]

[173] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 168-169.

[174] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 169.

[175] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 169-170.

Bernardo, diante de tal mistério, repete que o mesmo é indizível^[176], assim destaca a dimensão apofática do discurso teológico.

Recorda, ainda, as virtudes marianas da pureza, superior a dos anjos, da humildade, comparada ao nardo que purifica o coração, e da misericórdia, que a aproxima dos pecadores. Menciona também o papel mediador a potentíssima e piedosa caridade^[177].

Maria é apresentada como um tesouro de misericórdia ao qual os miseráveis pecadores devem recorrer com toda a confiança. Merece, assim, o título de Rainha clemente, cujo nome dulcíssimo, é invocado pelos seus pobres servos^[178].

No quinto sermão, Bernardo ensina que quando Cristo entra no castelo do coração de uma pessoa realiza uma profunda transformação, pois o reconstrói inteiramente, tornando-o belo e espiritual. Através de seu Espírito, Cristo concede aos seus fiéis as graças necessárias para que subam do vale do pranto para o Céu. O fim desse caminho ascendente oferece ao homem a visão de Deus: “Incomparavelmente, quem não prefere esse fruto a todas as coisas visíveis e invisíveis?”^[179].

Aquele que acolhe o Cristo vai percorrendo um caminho contemporaneamente ativo (Marta) e contemplativo (Maria). Depois de ter apresentado os três obstáculos à contemplação (as trevas dos pecados, a lembrança dos pecados e a preocu-

[176] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 169-170.

[177] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 171.

[178] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 172.

[179] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 175.

pação com as atividades terrenas)^[180], enumera os três remédios: a confissão, a oração e a quietude.

Sem citar Maria, o abade de Claraual conclui o seu sermão recordando a importância da unidade na vida cristã. Cada cristão deve buscar a unidade interior (integridade de coração) e exterior (comunhão com os irmãos). Enfrentado os perigos da presunção, da pusilanimidade, da leviandade, da obstinação e da desconfiança, percorrer a via da humildade, da confiança, do bom conselho, da caridade e do afeto.

O sexto sermão é o menor e tem como tema os três elementos que tornam Maria cheia de graça (cf. Lc 1,28): a virgindade, a humildade e a virgindade fecunda^[181].

No sermão relativo ao domingo durante a oitava da Assunção, são Bernardo, partindo do texto de Ap 12,1 e iluminado por Gn 3,15, recorda que ao lado do novo Adão, Cristo, encontra-se a nova Eva, Maria.

Era conveniente, recorda, que os dois sexos cooperassem na Redenção do gênero humano, pois os dois foram responsáveis pela sua ruína^[182].

Encontrando-se em Cristo tanto a misericórdia, como a justiça, o homem ao contemplá-lo pode ser tomado pela caridade, mas também pelo medo. Sublinha, por essa razão, a importância de Maria:

Por que a fragilidade humana teria medo de ir a Maria? Nela, nada é severo, nada é terrível. Ela é toda suavidade [...] ela é cheia de piedade e de graça, de mansidão e de mi-

[180] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 179.

[181] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 184-185.

[182] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 189.

sericórdia, então dá graças àquele que com benigníssima compaixão providenciou para ti uma medianeira na qual nada existe de suspeito.^[183]

Recorda que a mulher descrita em Ap 12 pode ser interpretada tanto em chave eclesiológica, como em chave mariana.

“Uma mulher revestida de sol”. O cisterciense interpreta tais palavras como uma indicação da glória, em Cristo, de Maria.

Como te tornaste familiar a ele, ó Senhora! Quão próxima, e até quão íntima mereceste te tornar! Quanta graça achaste diante dele (cf. Lc 1,30)! Ele permanece em ti e tu nele (Jo 6,57): tu o vestes e és revestida por ele. Tu o vestes com a substância da carne, e ele te veste com a glória de sua majestade. [...] ela o coroou e, por sua vez, mereceu ser coroada por ele.^[184]

Para explicar a expressão “com a lua debaixo de seus pés”, Bernardo recorda que a palavra *lua* pode designar tanto a corrupção quanto a Igreja. Ambos os sentidos parecem corretos. Maria está acima de toda a corrupção humana e, ao mesmo tempo, ocupa um lugar de mediação entre Cristo e a Igreja^[185]. “Abracemos os passos de Maria, meus irmãos, e, em devotíssima prece, lancemo-nos a seus santos pés. Retenhamo-la e não a larguemos (cf. Ct 3,4) enquanto não nos abençoar (cf. Gn 32,26), pois é poderosa”^[186].

[183] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 190.

[184] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 191.

[185] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 191.

[186] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Se-*

Cita, então, mais uma vez, o velo de Gedeão (cf. Jz 6,36-40), para que se compreenda que Maria está entre o sol (Cristo) e a lua (Igreja). Invoca a imagem da Sarça Ardente (Ex 3,5), que não se consome, para apontar para a Maternidade virginal de Maria.

“E uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1), tais palavras, recorda o autor, apontam para a glória que adorna a Virgem Maria: “Explicar a natureza e indicar a composição dessa coroa está acima da capacidade do homem.”^[187]

Entretanto, Bernardo tenta associar a cada estrela um dos privilégios de Maria: privilégios do céu, da carne e do coração. Destacam-se dois: a nova maneira de conceber, sem pecado (cf. Sl 50,7), graças à ação do Espírito Santo, e o seu propósito de viver a virgindade (cf. Lc 1,34), superando assim a lei mosaica. Maria foi agraciada com duas bênçãos: a da maternidade e a da virgindade, duas estrelas que se iluminam mutuamente^[188].

Maria também teria vivido uma gravidez privilegiada, segundo Bernardo, sem os sofrimentos de tal condição, como indicam as viagens que fez de ida e volta a Ein Karem (cf. Lc 1,39), e, mais tarde, a viagem para Belém (cf. Lc 2,4). Do mesmo modo, destaca a sobrenaturalidade do seu parto sem dores^[189].

nhora, 193.

[187] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 194.

[188] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 196.

[189] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 197.

Sublinha o silêncio e a humildade de Maria, que ficam claros, quando se observa que Maria fala somente quatro vezes nos evangelhos: na Anunciação, na Visitação, ao reencontrar o seu filho perdido no Templo de Jerusalém e nas Núpcias de Caná^[190].

Recorda que Maria costumava conservar as palavras e meditá-las no seu coração (cf. Lc 2,19) e que exerceu um papel importante na Igreja cristã primitiva, que perseverava em oração na preparação para o Pentecostes lucano. Na lista dos presentes (Lc 1,13-14), o nome de Maria aparece por último: “Maria [...] quanto maior era, tanto mais se humilhava, não só entre todos, mas até mais do que todos. Com justiça, pois, de última que era, se tornou a primeira, porque, embora fosse a primeira de todos, se fizera a última”.^[191]

Fala ainda da mansidão, irmã gêmea da humildade, da fé inquebrantável e do seu sofrimento aos pés da Cruz (cf. Lc 2,34-35). Ao falar da Cruz, ensina que as palavras de Jesus, “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19,26), agiram no coração de Maria como uma espada que traspassa a sua alma. “Se ele pôde morrer no corpo, por que ela não pôde morrer com ele no coração? Aquilo que foi feito pelo amor [de Jesus], que ninguém teve maior (cf. Jo 15,13); isso foi feito pelo amor [de Maria], a quem ninguém se assemelhou depois dela”.

[190] Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 198.

[191] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 200.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Equilibrando o fervor de sua devoção, com uma fê pura e uma inteligência penetrante, haurindo das salutares fontes da Escritura e da Tradição, num constante espírito de obediência ao Magistério, Bernardo de Claraval oferece à Igreja a à humanidade, um ensinamento mariológico digno do título de Doutor Mariano.

Ele a chama de *a Senhora*. Como Senhora, ela nos confia ao seu Filho de um modo análogo ao modo como a senhora de um castelo favorece a *commendatio* ou entrega do servo ao Senhor^[192].

O abade cisterciense canta, como um trovador cheio de sentimentos filiais os atributos daquela que mereceu o privilégio de ser contemporaneamente Virgem e Mãe, dentre os atributos cantados, destacamos a humildade, o silêncio prudente e a santidade de corpo e de alma.

A Senhora é, segundo Bernardo, a humanidade no seu estado mais puro, não apenas pelo fato de ser livre de toda contaminação do pecado, mas também pelo fato de possuir uma natureza singular:

O privilégio singular de Maria é a fecundidade virginal ou virgindade fecunda. Algo único e inexplicável. É impossível compreendê-lo e, menos ainda, explicá-lo [...]. Esta Virgem deslumbrou com a sua lâmpada até aos anjos. Ofuscou a todos, pois foi preenchida por Cristo, seu Filho, com o óleo da graça.^[193]

[192] Cf. H. COATHALEM, *Le parallelisme entre la Sainte Vierge et l'Église dans la tradition latine jusqu'à la fin du XIII^e siècle*, PUG: Roma 1954, 87-94.

[193] BALLANO, *En la Iglesia de los ángeles y santos*, 231.

Fazendo jus à sua teologia admirativa, são Bernardo apresenta Maria como Medianeira por excelência entre Cristo e a Igreja, pois, por meio dela, tanto Jesus “desceu” aos homens, quanto os homens “sobem” até Ele^[194].

Apresenta-a como o protótipo de esposa, pois nela se apresentam já consumada o destino tanto da alma-esposa, quanto da Igreja-esposa. Por esta razão, sublinha tanto a importância do mistério da Assunção, que é apresentado como uma consequência teológica da sua Maternidade Virginal.

A festa litúrgica da Assunção é o símbolo escatológico da profunda feminilidade do claustro e da Igreja que tende à plenitude unitiva. Por esta razão é considerada a festa patronal dos cistercienses^[195].

Não se cansa de colocar em relevo a familiaridade sobrenatural existente entre Maria e Jesus. Ela permanece n'Ele e Ele nela. Jesus a amou mais do que a qualquer outra criatura, por esta razão a adornou no céu com uma veste gloriosa de gala e uma coroa deslumbrante. Assunta, penetrou definitivamente no abismo da sabedoria divina, muito mais do que possamos sequer imaginar, imergiu na luz inacessível. Tal adjetivo, recorda a humildade apofática do discurso teológico de Bernardo.

Gostaria de concluir essa reflexão sobre Maria nos sermões de São Bernardo, com as invocações a Maria, que encontramos no segundo sermão dos *Louvres à Virgem Mãe*:

Nos perigos, nas angústias e nas incertezas, pensa em Maria, invoca a Maria. Que ela nunca abandone os teus lábios, nem o teu coração; e para obteres a ajuda da sua ora-

[194] J. R. GARCÍA-MURGA, *María – Mujer – Iglesia. ¿Por qué María si yatenemos a Cristo?*, San Pablo: Madrid 2012, 153.

[195] Cf. DE LA TORRE, *El carisma cisterciense y bernardiano*, 67.

ção, nunca esqueças o exemplo da sua vida. Se a segues, não te podes desviar; se lhe rezas, não te podes desesperar; se pensas nela não podes errar. Se ela te ampara, não caís; se ela te protege, nada temes; se ela te guia, não te cansas; se ela te é propícia, alcançarás a meta...^[196]



^[196] BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermões para as Festas de Nossa Senhora*, 52.